

## O VIOLÃO ASTUTO DE MARCEL POWELL

*Por Ranulfo Pedreiro – Jornal de Londrina*

Comentei há algum tempo sobre o disco Aperto de mão (Rob Digital), de Marcel Powell, álbum excelente, mas que trazia uma tensão, talvez a do filho de um gênio tentando mostrar serviço – e, por isso mesmo, com um virtuosismo que contrastava com o relaxamento de Baden ao violão.

Mas o tempo remedia qualquer ansiedade. Marcel Powell está de volta em Corda com bala (Rob Digital), agora com trio e pegada mais jazzística, abrindo mais para o improvisado. Marcel domina o violão como quem toma um copo de cerveja. E aí suas qualidades transparecem ainda mais, porque surgem espontâneas, escoradas em um grupo coeso.

Vamos retroceder um pouco. Baden Powell era boêmio, todo mundo sabe. O que pouca gente conhece era a dedicação com que estudava. Exercitava-se com pesos nos punhos – daí a mão permanecer firme mesmo após doses homéricas de uísque. Baden ia ao extremo da técnica e tinha capacidade de resolver, em fração de segundos, o rumo que a música tomaria. Marcel não poderia ter professor mais exigente do que Baden, com quem começou a estudar aos 9 anos e continuou até a morte do pai.

O repertório de Corda com bala faz jus a essa exigência. Marcel extrapola frases, as notas brotam com velocidade, mas nem sempre o violão delira em floreios sem fim. Há o virtuosismo, mas também há o entrosamento do trio e o sentimento do intérprete.

Sua mão direita está mais parecida com a do pai. E inclui os ataques incisivos, ferindo as seis cordas, como se ditasse o caminho da música. Marcel já não precisa provar que é muito bom. Outras vezes, porém, seus ataques despejam uma enxurrada de notas velozes – o músico diz muito em pouco tempo. Curiosamente, Marcel é mais profícuo justamente nas composições de Baden, Um abraço no trio elétrico e Chora violão – duas faixas solos em que o instrumentista se deixa embriagar pela própria execução.

Já a cumplicidade com André Neiva (baixo) e Sandro Araújo (bateria) traz um relaxamento. Marcel revisita Jobim (O morro não tem vez), versão impressionante de abertura; encara o clássico Serra da boa esperança (Lamartine Babo); envereda por uma versão bossa de Cry me a river (Arthur Hamilton) e alcança o nordeste com Lamento sertanejo (Gilberto Gil/Dominguinhos) e Feira de mangaio (Sivuca/Gloria Gadelha) – quando sua mão direita percussiva esbanja talento.

Com o trio, Marcel cobra o escanteio e corre para cabecear. Faz de tudo, mas parece mais solto para tomar rumos surpreendentes. Nem sempre, porém, o coração está acima da técnica. Mas se Marcel continuar por esse caminho, estamos testemunhando o surgimento de um novo fenômeno do violão.